

Quanto à significação do contato epidérmico em relação com o primeiro objeto¹

As to the significance of epidermal contact in relation to the first object

Anna Kattrin Kemper

O presente relatório baseia-se em ilustração casuística cujo material clínico principal já foi, em parte, citado no trabalho “Anotações sobre a determinação pré-genital da perversão (1)”. Trata-se de um homem de 37 anos, casado, de formação acadêmica, no fim do terceiro ano de tratamento. A análise evidenciou, como mostra o citado trabalho, que a perversão do paciente, que se manifestava através de intensa e obsessiva atração sexual pelos pés das mulheres, correspondia, em sua determinação remota, à saudade do contato com o primeiro objeto, apenas parcialmente possuído. O paciente, criança não desejada de uma mãe emocionalmente ausente, lembrava-se de que desde muito pequeno (provavelmente, desde o início do segundo ano) observava, horas a fio, à distância, os pés da mãe pisando um pedal de máquina de costura. A sexualização – segundo Fairbairn a desafetação (2) – deste contato parcial revelou-se, no presente caso, pelo fato de que o paciente só conseguiu a ejaculação por manipulações com os pés de objetos desejáveis.

Na prática analítica revela-se mais e mais como distúrbios remotos na relação com o primeiro objeto resultam em intensas reações autísticas e acentuadas relações parciais. Este fato revelou-se de maneira óbvia na pré-história do paciente, pelas seguintes manifestações:

Até os dezoito anos, em ocasiões em que se sentia só, chupava por diversas vezes o grande artelho, apesar da extrema dificuldade, com intensas sensações masturbatórias. A distância autística e a relação parcial tornaram-se mais óbvias quando o paciente tinha prazer sexual fora do comum se sua mulher, telefonando ou lendo uma revista, isto é, emocionalmente ausente, permitia que ele manipulasse os seus pés. Trata-se de manifestações que revelam tanto a

1. Congresso Psicanalítico Latino-Americano, Montevidéu - Julho de 1966.

superposição, na mulher do paciente, da imago da mãe que, como já foi dito, era vivenciada como emocionalmente ausente, como também, a sexualização do contato emocional.

Os intensos limites da boa relação com o primeiro objeto, em termos de contato epidérmico, mostram-se, como um fio revelador constante, em muitas manifestações específicas. Dedicou-se, o paciente, por exemplo, numa identificação autística, aos animais peludos. Ligou-se ao seu cachorro como se este fosse parte dele, tratando-o de modo mais carinhoso do que as pessoas com as quais convivia em seu ambiente. Este aspecto autístico revelou-se de maneira também óbvia pela dedicação do paciente aos seus coelhos. Quando estes morreram, depois de uma doença grave, reagiu com desespero, como se houvesse perdido objetos insubstituíveis.

Observei também, em outros casos, rejeições compactas sofridas no contato epidérmico, percebidas através de influências atmosféricas na relação com o primeiro objeto: mães desinteressadas e ausentes. Em dois casos de análise infantil evidenciava-se, por exemplo, de um lado, horror diante do contato epidérmico e, de outro, intensas manifestações de caráter autístico. O primeiro caso, menino de 2 anos e 8 meses, tinha reações epileptoides, de origem psicogênica e reações fóbicas. No segundo caso, menina de 3 anos e 2 meses, havia mutismo psicogênico completo. A mãe do menino (primeiro caso) não se permitia o contato íntimo e livre com o filho em razão de angústia e culpa. Por exemplo: quis abortá-lo. A mãe da menina (segundo caso), revelando um quadro patológico misto, com reações delinquentes e psicóticas, nunca entrou num contato verdadeiro com a filha. A mãe do primeiro caso exprimiu pelo interesse e colaboração no tratamento do filho, o desejo e a disposição de entrar em convívio profundo com ele. A mãe da menina mostrava também a falta de contato com a filha, boicotando constantemente o progresso terapêutico, não suportando, na menina, a intensa vontade de se ligar afetivamente à terapeuta.

Considerando nossas experiências clínicas, permitimo-nos a hipótese de trabalho de que reações autísticas intensas e acentuadas relações parciais encontram sua determinação mais remota na ausência ou insuficiência de contato, especialmente o contato epidérmico, na relação com o primeiro objeto. A experiência analítica mostra sempre mais como compactas reações autísticas e pronunciados contatos parciais derivam basicamente de grandes limitações na primeira relação objetal. (3) (4) (5)(6). Em casos que apresentam distúrbios graves da relação com o primeiro objeto, evidencia-se, sobretudo, como não foi conseguida a confiança inaugural no mundo – chamada por Erikson “*basic*

trust Urvertrauen” (7) - a necessidade vital de perceber e sentir como solidamente ‘existente’ o objeto da expectativa”.

Voltando ao presente caso, referimo-nos em seguida aos dados anamnésicos e manifestações simbólicas, nos quais transparecem diversas sensações, imagens e maneiras de vivenciar, que mostram aspectos específicos da relação com o primeiro objeto. A sexualização do contato emotivo, conseguido apenas parcialmente, revelava-se já no sétimo ano do paciente, como evidencia a seguinte memória: Quando a avó, uma das três figuras maternas desde o nascimento do paciente – empurrou com os pés as costas do menino, este ato foi sentido como sensação sexual. Esta elaboração reativa do paciente tornou-se mais evidente quando ele, aos nove anos de idade, brincando, tendo à vista os pés da mãe “pisando na máquina” – pegou os pés grossos e sujos de uma menina e, pela primeira vez, vivenciou corno se tivesse tido uma ejaculação. Isto aconteceu por várias vezes até que, com catorze anos, nas mesmas circunstâncias, com os pés da moça no seu rosto, houve a primeira ejaculação real. Depois de adulto, o paciente conseguia ereção e ejaculação, observando mulheres que pisavam em tubos de pastas de conteúdo branco, e de maços de cigarros, colocados por ele nas filas de ônibus ou lugares similares. O paciente alcançou ainda mais intensa mobilização sexual, quando comeu miolo de pão branco, colocado dentro de sapatos de mulheres e pisado durante algumas horas.

Trata-se de manifestações que revelam tanto aspectos orais sexualizados como evidenciam mais uma vez, consequências do contato parcial: atente-se para a correspondência entre a lembrança do paciente de que observava horas a fio os pés da mãe que pisavam a máquina de costura e a satisfação sexual ao observar mulheres que pisavam tubos de conteúdo branco e maços de cigarros.

Queremos repetir, no interesse da compreensão das manifestações simbólicas do paciente conforme a linha desenvolvida em trabalho já citado que, em casos de determinações principais no plano arcaico, isto é, casos submetidos a graves frustrações na relação com o primeiro objeto encontramos manifestações simbólicas que exigem, para serem compreendidas, a tradução do conteúdo manifesto para o conteúdo latente do símbolo (8). O entendimento das manifestações simbólicas baseia-se, principalmente, na concepção de que o sujeito, no símbolo, confunde-se com o objeto (9) ou de que a parte pode representar simbolicamente o todo (*pars pro toto*). Estes aspectos simbólicos exprimem frequentemente a relação do sujeito (criança pequena) com o primeiro objeto (mãe).

A análise do paciente revelou, através da atração e fome sexual pelos pés, um reflexo simbólico de sua situação infantil; quer dizer; da carência emocio-

nal diante da mãe, distante da expectativa de encontrar nos pés maternos (*pars pro toto*) o contato emocional do qual tinha fome. A fixação parcial revela, no presente caso, a defesa contra a impossibilidade de encontrar na mãe, devido à falta de afeto, um objeto total. A parte, os pés, passam a substituir e simbolizar o todo: mãe total.

A fascinação pelos pés baseia-se, na nossa concepção do presente caso – já exprimida em trabalho anterior – primariamente, muito mais na expectativa decepcionada e frustrada de contato emocional, na falta de confiança primitiva, do que na atividade libidínica instintiva desviada (10). *Vemos* que as imagens e sensações em torno dos pés da *mãe*, representando eles o objeto parcial no plano pré-genital, encontram, posteriormente, um significado simbólico nas mobilizações genitais. Além do fato de que tubos de pastas (de conteúdo branco), maços de cigarros e pão branco, embora constelando momentos de satisfação sexual corresponderem a símbolos de caráter oral, revelam também, no presente caso, frustrações graves na falta do contato epidérmico na relação com o primeiro objeto, como já vimos na “identificação autística” do paciente com animais peludos. Esta concepção parece encontrar confirmação na compreensão simbólica das seguintes manifestações:

O paciente exigia como prova de contato emocional, que a primeira namorada e, mais tarde, sua mulher, pisassem e matassem bichos de casca dura como besouros e tartarugas pequenas que simbolizavam, neste caso, a mãe ausente e ignorante, que não oferecera carinho e meiguice de braços e mãos protetores. Ódio arcaico, simbolizado através do ato de pisar e matar, quer dizer excluir, bichos de carapaça, representando a parte da mãe de casca-grossa, revelou-se também, de maneira simbólica, no seguinte sonho:

O paciente estava sentado numa tábua grande, em cima de uma galinha de aspecto zangado. Esta, apesar de gritar muito, ficou afinal absolutamente estraçalhada. A significação simbólica da galinha-mãe encontra uma ilustração decisiva quando o paciente, numa intensa vivência de abandono, sonha o seguinte: “Estive com três mulheres (o paciente tinha três figuras maternas). Senti uma tremenda fome de pés. Uma delas estava com os pés sujos. As outras duas eram difusas. Depois de agarrar os pés da primeira, mudei para os pés das outras e, como em êxtase, comi, mordi, e engoli aqueles pés mudando de uma para a outra “.

O paciente que não conhecia literatura correspondente, descreveu a sensação principal no sonho como orgasmo epidérmico, revelando assim que os aspectos orais canibalescos, a voracidade intensa evidenciada neste sonho, baseia-se também nas graves frustrações sofridas no contato epidérmico. Uma

forma também de orgasmo epidérmico era descrita pelo paciente, quando sua mulher, a seu pedido, acariciava-lhe as costas. Enquanto ela o fazia, ele emitia “grunhidos” de prazer audíveis para outras pessoas.

Se a parte da análise a que nos referimos até agora revelava as condições remotas da perversão do paciente, seu contato parcial com o primeiro objeto e sua sexualização, evidenciar-se-á na parte que se segue – especialmente através de fases de regressão produtiva – a dessexualização dos objetos parciais e o início da busca do objeto total.

Até o presente momento, vimos várias vezes como a sintomatologia do paciente se prendia, na determinação mais remota, a distúrbios intensos sofridos no contato epidérmico. Tal concepção se tornará ainda mais óbvia na parte que se segue, onde a análise pode ser caracterizada pela fase de dessexualização dos pés.

O paciente passa a alcançar, de modo geral, a plena satisfação sexual, necessitando dos pés apenas no jogo preparatório da relação sexual. Além disto, os pés mais e mais tornaram-se objetos de relação carinhosa. O paciente beijava-os e os acariciava de maneira que revelava a saudade de contato da criança pequena com o objeto bom. Os atos realizados evidenciavam a busca de contato epidérmico. O paciente procurava os pés de sua mulher para encostar-se, acalmar-se e sentir-se protegido. Por exemplo, o paciente superou sua insônia, durante dias nos quais se sentia, por motivo qualquer, mobilizado e deprimido, deitando-se, à noite, na cama do casal, em posição inversa à da esposa a fim de sentir-lhe os pés no rosto. A frustração deste contato era às vezes, já temida durante o dia, quando a mulher usava meias de borracha, fato confusamente registrado como hostilidade contra ele. Após um dia de temida frustração do contato bom, o paciente segurava-se de modo obsessivo aos pés. Não conseguindo esta união, não dormia a noite toda. A intensidade, nesta altura da análise, da busca do contato epidérmico, manifestou-se quando o paciente, com sensações de desamparo puxava os pés da mulher contra as próprias pálpebras, partes corporais de alta sensibilidade. O paciente sentia nessas manipulações, apesar das dores, algo de caráter calmante e reassegurador. O seguinte material, memorizado e ressentido nessa época, torna evidente como a percepção óptica estava, no presente caso, em correlação íntima com experiências feitas no contato epidérmico: Numa situação tentadora com uma mulher da vida, de aspecto maternal, o paciente, em face de um estímulo intenso para a relação sexual, reagiu com uma inflamação nos olhos, diagnosticada como conjuntivite. Esta doença, tratada sem resultado constante, e que permaneceu durante alguns anos, mostrava sua determinação psíquica no as-

pecto simbólico pela melhora que se manifestou apenas após o casamento (*conjunctio*), e quando ele voltou, depois de longa ausência, para a cidade onde a mãe vivia. Restos da conjuntivite desapareceram definitivamente quando o paciente começou a sentir, durante a análise a terapeuta como objeto bom. Em outras comunicações em torno de aspectos especiais dos olhos, disse o paciente detestar os de tamanho grande (como os próprios), preferia olhos pequenos e sentia atração especial pelas mulheres que usam óculos de lentes grossas (fato que não encontrou nenhuma justificativa objetiva nas pessoas das relações ambientais da infância ou da atualidade). Estas comunicações permitem-nos ainda outras compreensões simbólicas. O paciente necessitava defender-se contra percepções largas e nítidas (aversão contra olhos grandes e preferência para os de tamanho pequeno) especialmente, em consequência de experiências feitas na relação com uma mãe, no sentido transfigurado, altamente míope, que não percebeu (viu) a necessidade que tinha o filho pequeno de contato com caráter protetor.

O paciente trouxe, nesta época da análise, as seguintes anotações feitas por ele – por vezes em estado de intensa revivência – e muito ilustrativas para o tema em questão: “Quando me dedicava a colocar miolo de pão umedecido em forma de massa, dentro do sapato de alguma moça, lembro-me como gostava de examiná-lo (quer dizer, vê-lo) depois de pisado, a fim de encontrar (ver!) as marcas da pele dos pés. Quando as encontrava (via!) redobrava o meu prazer. A sensação era de real garantia de que o pé tinha estado em contato com o pão sem sombra de dúvida. Pareceria ridículo, pois se ela (a moça) havia calçado o sapato, claro era que havia pisado o pão; porém mesmo assim, sentia prazer maior quando via as marcas. Às vezes, ficava olhando muito tempo para o pão. (O paciente, quando pequeno, observava horas a fio os pés da mãe pisando o pedal da máquina de costura).

“Quando colocava pão no sapato de minha esposa, e então podia colocar bastante, pois ela tinha conhecimento do fato, punha-o de modo que houvesse marca dos dedos e dos espaços entre eles. Quanto mais mole o pão, melhor, pois assim moldava-se nele a forma do pé. Quando a moça ou mulher tirava o sapato por qualquer razão, eu tinha que me levantar e dar um jeito de olhar, para certificar-me de que o pão continuava lá. Com minha esposa, pedia que ela mexesse com os pés, tirasse e botasse os sapatos, ou ficasse com o pé meio inserido dentro do sapato, de modo que eu pudesse olhar o pé efetivamente em contato com o pão”.

Podemos concluir, dessas comunicações sentidas e do fato de que o paciente não necessitava mais comer o pão pisado que, elaboradas as determi-

nações orais, aparecem com maior nitidez as necessidades vitais de contato epidérmico.

A correspondência íntima entre percepções ópticas e contato epidérmico tornava-se transparente, durante o processo transferencial, da seguinte maneira: O paciente, que até então desviava a vista da terapeuta nas mobilizações de contato íntimo, sentiu, no fim do terceiro ano de análise, numa ocasião na qual esteve muito comovido, saudade de aconchegar-se; imaginando que, se a terapeuta o abraçasse algumas vezes em seguida, não mais sentiria a necessidade de desviar os olhos. O material a seguir revela também a correlação entre percepção óptica e bom contato no plano transferencial e, sobretudo, como a sexualização da relação emotiva encontrou decisiva revisão.

O paciente queixou-se de reações fotofóbicas perturbadoras, especialmente quando dirigia seu carro. Na primeira parte da análise, era frequente a necessidade obsessiva do paciente de olhar os pés das mulheres na rua, quando dirigia o carro, de tal maneira que estava em constante risco de perder o controle da direção. As reações fotofóbicas e imagens correspondentes – resultado da regressão compacta em que o paciente caíra – foram interpretadas principalmente no sentido de que ele, inundado de experiências remotas feitas com o primeiro objeto, temia ver claro. O decorrer desta sessão, ao fim da qual o paciente sentiu-se bem relacionado com a terapeuta, permitiu a alusão (11) no sentido de que não seria impossível que as específicas sensações ópticas se modificassem logo. Na hora seguinte o paciente comunicou como, caindo na reação oposta, não sofria mais de sensações fotofóbicas mas, ao contrário, passara a necessitar olhar intensamente as pessoas. Assim aconteceu, no seu dizer, “uma coisa horrorosa”. Contou que viu, num restaurante, uma mulher atraente pelo aspecto meigo. Fitando excessivamente os olhos da mulher, projetando sua necessidade interna, teve a impressão de que ela correspondia. De repente a mulher reagiu com um ataque histérico, fazendo escândalo ao se sentir repentinamente desrespeitada. Diante deste acontecimento, o paciente ficou profundamente consternado; ele, que se sentira atraído apenas pelo fantasiado aspecto meigo do olhar da mulher – sem segundas intenções – fora rejeitado de maneira grosseira. Tal foi a intensidade da decepção do paciente que provocou no mesmo dia, com a sua mulher, mais uma rejeição. O trabalho interpretativo desse material acentuou tanto a revivência de sensações e acontecimentos daquele “tempo”: o intenso anseio por um olhar meigo não encontrado na mãe ausente e rejeitadora, como também a revivência e revisão no plano transferencial. O aspecto de revisão evidenciou-se, nessa sessão, quando o paciente disse: “Sei que procurava os seus olhos, mas ela, a mulher no restaurante, não era a senhora”.

A análise do paciente evidenciou cada vez mais material que revelava, de maneira ilustrativa o presente tema: “Quanto à significação do contato epidérmico na relação com o primeiro objeto”. A afirmação de nossa concepção de que distúrbios graves de contato epidérmico correspondem não só a uma parte básica de fixações orais, como também se refletem em vivências diferenciadas das de caráter oral (1) encontra apoio também no seguinte material. Mais uma vez o paciente exprimiu, através de imagens, sensações e vivências descritas por ele (anotações trazidas para a sessão) como manifestações de caráter oral-sexual se modificaram. Se o paciente já havia falado em referência ao sonho de conteúdo manifesto de tonalidade oral-canibalesca (vide pág. 4), do orgasmo epidérmico sentido nesse sonho, evidenciou-se em seguida, sobretudo, a saudade intensa de contato epidérmico com o objeto bom e a prova categórica de que ele o necessitava.

O paciente escreveu: “Fui à praia com minha esposa. Estávamos sós. Não me sentia bem, um pouco deprimido. Havia pescado três peixes pequenos, de pele lisa e brilhante. Veio-me a ideia de M. pisar os peixes. Não lhe quis pedir. Em vez disto, joguei uma camada de areia por cima dos peixes, escondendo-os. Levantei-me e abracei M. procurando conduzi-la para onde estavam os peixes. Consegui fazê-lo até que ela os pisou. Senti prazer e excitação não sexual. Como por encanto, a depressão desapareceu. Senti-me alegre e animado. Na volta para casa, coloquei os peixes no chão do carro, na frente do banco em que M. estava sentada, na esperança de que pisasse neles. Ela estava com uma sandália de borracha preta. Não lhe solicitei que os pisasse. No lugar disso, pedi-lhe que procurasse meus cigarros no banco de trás. Assim fazendo, ela teria que esticar as pernas e talvez pisasse nos peixes. Assim realmente aconteceu. Ao chegar em casa, vi, com excitação, marcas da sola da sandália na pele do peixe. Isto deu-me prazer como se fora uma prova irrefutável de que ela realmente os pisara”.

Comunicações como estas e outras correspondentes, revelam como a revisão das experiências feitas no remoto contato epidérmico intensificaram a busca de percepções ópticas do paciente. Esse fenômeno evidencia a necessidade absoluta de controlar e garantir (ver), em função de dúvida, o que realmente foi percebido e sentido no contato epidérmico. As intenções do paciente em ver objetos pisados não correspondiam mais a uma ação simbólica de caráter odioso e aniquilante como anteriormente, mas exprimiram entretanto a saudade e garantia do sentido contato bom. O paciente que na plena atividade perversa colocava miolo de pão branco nos sapatos das mulheres – comendo-o com intensas sensações sexuais sentiu, nessa fase de profunda regressão pro-

dutiva, urna intensa comoção quando viu no pão pisado pela sua mulher, as linhas (engramas) epidérmicas do pé. A sensação do paciente ao sentir o pão pisado na mão correspondeu à de um bem-estar no contato epidérmico.

A decisiva importância do contato epidérmico com a mãe, considerando de maneira especial a relação simbiótica das primeiras semanas de vida (12), tem sido evidenciada tanto pelas observações de Spitz, como pelas de Harlow. Spitz relata, em “Hospitalismo da criança pequena” (13), como recém-nascidos e crianças de alguns meses, hospitalizadas, em comparação com crianças da mesma idade (não abandonadas) – apesar de receberem todo o cuidado necessário para um desenvolvimento biológico favorável – manifestaram sinais óbvios de reações autísticas e depressivas. Em consequência da correlação psicofísica, as abandonadas mostraram também desenvolvimento físico retardado. São observações que permitem concluir que figuras substitutas, as enfermeiras, que cumpriam sua tarefa mais no sentido de rotina do que no de função materna, não possibilitavam, sobretudo, o contato epidérmico, nas suas transmissões e captações atmosféricas, no sentido de muda comunicação e tranquila confirmação.

Harlow (14), relatando forma correspondente de hospitalismo nos macacos (*Rhesus*), considera-se de maneira mais concreta a necessidade vital de contato epidérmico, nos seguintes experimentos, a que Spitz se refere em: “Contribuição ao autoerotismo”. Primeiro: macacos, de algumas semanas e meses, separados das mães, criados em jaula, mostravam desenvolvimento satisfatório se tinham, à sua disposição uma imitação materna de pele macia que era procurada pelos macacos pequenos, como objeto para agarrar-se (*Anklammerungsobjekt*) (15), especialmente em situações sentidas como ameaçadoras.

Segundo: Um outro grupo de macacos, do mesmo tipo e idade, vivem nas condições correspondentes às do grupo I e tinham à sua disposição uma imitação materna feita de arame com visível fonte de leite (mamadeira ao alcance). Em situações de susto e nas quais os macacos pequenos pareciam submetidos a sensações de desamparo, os do grupo I agarravam-se à imitação materna de pele macia, como que procurando abrigo, enquanto os do grupo II não procuravam em situações correspondentes, a fonte de leite (o seio de arame), manifestando reações de pânico.

Encontrei uma comovente ilustração da importância existencial do contato epidérmico no livro de Lois Crisler, “Uivarmos com os lobos” (16). Os Crislers, como revela a publicação, casal apaixonado pela natureza e criaturas primitivas, viveram, durante 10 meses, na Antártica do Alasca, com o objetivo de tomar conhecimento e contato com os lobos selvagens. O casal encontrou

lobos recém-nascidos, levando-os para o seu abrigo, com intenção de criá-los. Lois Crisler descreve a preocupação de como conseguir a sobrevivência dos recém-nascidos, referindo-se a uma loba, em relação ao seu marido, no seguinte: “Ela (a pequena loba) estava sentada, de cabeça caída virada de contra a parede, e tremia. Cris disse: “Ela quer morrer”. Ele deitou-se na cama, com a parte superior do corpo nua. Tomou a pequena loba nos seus braços, puxando-a contra o seu corpo nu e quente. Depois de duas horas, a pequena loba ganhou nova coragem para a vida e, sedenta, tomou leite. Pouco depois, aproximou-se, engatinhando, de Cris, arrastou-se para seu colo, puxou-lhe a barba, lambeu-lhe o lóbulo da orelha, acabando por dormir mais uma vez em seus braços”.

Nossa hipótese, de que as experiências remotas feitas no contato epidérmico na relação com o primeiro objeto são de decisiva influência nas relações objetais, encontra também confirmações na linguagem popular. A expressão “sentir um calafrio”, por exemplo, corresponde a sensações epidérmicas que tanto podem estar em função de um imenso susto de intensa repugnância, como podem também corresponder a uma intensa comoção.

Descrições populares, como “eles estão de mãos dadas”, de “corpos encostados ou confundidos”, que se referem a sensíveis contatos epidérmicos, transmitem relações íntimas, até o contato absoluto. A necessidade vital do ser humano de “estar com o outro” (*Mitsein*) (17), no aspecto de sentir-se aconchegado, consolado, compreendido e conduzido, reflete o contato epidérmico, em suas determinações remotas, em significações populares, como “jogar-se no pescoço ou nos braços” “sentir o braço protetor” e a “mão carinhosa, compreensível e confiante”.

A linguagem popular descreve, de maneira simbólica, pessoas de sensibilidade limitada, corno paquidermes ou calejados, enquanto se refere às reações muito sensíveis assim: “está na flor da pele”. Como a percepção sentida – a mais primária percepção sensorial – ultrapassa, na busca do objeto na saudade profunda e incondicional entrega do ser humano ao “outro”, outras percepções sensoriais, corno, por exemplo, a visual, é ilustrada pela expressão popular “amor cego”. Modos de dizer populares como “não posso cheirar, ouvir ou ver” certa pessoa (referência a percepções sensoriais), correspondem a aversões menos intensas do que a exclamação “não suporto que me toque”. A língua popular refere-se a reações psicossomáticas (a linguagem corporal) através de denominações corno por exemplo, “sentir-se paralisado” em função de um susto intenso ou de sentir-se “gelado ou rígido como um morto”. A declaração popular de “ser alérgico” a alguém com quem o indivíduo não tem nada em comum, reflete a importância absoluta do contato epidérmico na relação objetal.

Não só a linguagem popular considera as percepções feitas no contato epidérmico como tendo consequências nas relações objetais. Também a linguagem de poetas e filósofos o faz. Por exemplo temos a ilustração de Schopenhauer (18), através de sua parábola dos porcos-espinhos, de como o contato epidérmico pode se tornar doloroso e levar a uma distância fria.

Palavras finais

Na literatura psicanalítica encontramos considerações referentes ao aspecto de experiências feitas no contato epidérmico – não classificadas as concepções de categoria oral – por S. Isaacs (19), Winnicott (12); Lebovici (20), Alexander (21), Bowlby (22), e Krapf (23). As experiências específicas feitas no contato epidérmico, em relação com o primeiro objeto, correspondem, ao nosso ver, como revela o presente caso, a influências decisivas, tanto para a formação da estrutura, como para a do sintoma. Achamos que a subordinação das experiências remotas, feitas no contato epidérmico, às de categoria oral, pode, limitando percepções e diferenciações sensíveis, de certa maneira também limitar o procedimento terapêutico. Não há dúvida de que as hipóteses levantadas necessitam, sobretudo de maior acervo de experiências clínicas de comprovação. Mas, de qualquer maneira, podemos inferir que, aquilo que não foi concretamente sentido no contato epidérmico, contribuiu para a imprecisão de imagens feitas em subsequentes contatos humanos.

Referências

1. KEMPER, A. K. Anotações sobre a determinação pré-genital da perversão. V Congresso Psicanalítico Latino-Americano. México, 2, 1964.
2. FAIRBAIN, W.R.D. Estudio *psicoanalítico de la personalidad*. Ediciones Hermé, Buenos Aires.
3. SPITZ, R. Desenvolvimento emocional do recém-nascido. *Bibl. Bras. de P.S.A.* vol. I, 1960.
4. SPITZ, R. Ein Natchtrag zum problem des autoerotismos. *Psyche*, 5, 1964. Klett Verlag Stuttgart.
5. WINNICOTT, D.W. Transitional object and transitional phenomena. *International Journal*, 34, 1953.

6. SECHEHAYE. *Die symbolische wunscherfullung*, Bern, Huber, 1955.
7. ERICSON, E.H. *Kindheit und gesellschaft. (infância e sociedade)* Stuttgart, Klett Verlag, 1961.
8. JUNG, C.G. *Wandlungen und symbole der libido. (modificações e símbolos da libido)*, Wien, Leipzig, Deuticke, 1932.
9. FREUD, S. *Studium uber hysteric* (estudos sobre a histeria), vol. I.
10. GREENACRE, P. *Preginal patterning. International Journal P.S.A. 1933 – Further considerations regarding fetichisme. P. S. A. Study of the child*, 1955.
11. KEMPER, A. K. *L'interpretation par allusion, Revue Française de P.S.A.*, n. L, 1965.
12. WINNICOTT, D. W. *Primäre mütterlichkeit. (maternidade primária), psyche*, 1960, Stuttgart, Klett Verlag.
13. SPITZ, R. *Hospitalism, an inquiry into the gênesis of psychiatric condicions in early childhood. The P.S. A. Study of the child*, vol. I, 1945.
14. HARLOW, H.F. *Primary affectional patterns in primates. Amer. J. Othopsychiatry*, XXX, 1960.
15. HERMANN, J. *Sich anklammern – Auf – Suche – Gehen. (garrar-se, na busca de). Int. Z.P.S.A. XXII*.
16. CRISLER, L. *Wir heulten mit den wölfen (uivamos com os lobos)*. München, Deutscher Taschenverlag, 1962.
17. HEIDEGGER, M. *Sei und zeit. Jahrbuch für pshilosophische u. phaenomenologische forschungen*.
18. SCHOPENHAUER, A. *Aforismos. (Apud Freud “Psicologia das Massas e análise do Eu”)*.
19. ISSACS, S. *The nature and function of phantasy. Intern. Journal P.S.A.*, 1948.
20. S. LEOVICI. *Die Aspekte der fruhen Objektbeziehungen. (Aspectos de remotas relações objetais) Psyche*, April-Juni, 1956, Stuttgart, Klett Verlag.
21. ALEXANDER, F.; ALEXANDER, F. *Uber das Spiel. (sobre o jogo). Psyche*, abril-junho, 1956, Stuttgart, Klett Verlag.
22. BOWLBY. *Uber das wesen der mutter-kind-binbung. (sobre o caráter de mãe criança), Psyche*, 13. 1959/1960, Stuttgart, Klett Verlag.
23. KRAPE, E. *Uber kalte und warmeerlebnisse in der ubertragung (sobre vivências de frio e calor na transferência) Psyche*, abril-jun, 1956, Stuttgart, Klett Verlag.